

CHAMADO RADICAL



BRÁULIA RIBEIRO

CHAMADO RADICAL

NÃO EXISTEM NÍVEIS SEGUROS DE CONSUMO DESSA SUBSTÂNCIA



Editora Ultimato
Viçosa, MG

CHAMADO RADICAL
Categoria: Evangelização/Vida Cristã/Missões

Copyright © 2007, Bráulia Ribeiro
Todos os direitos reservados

Segunda edição: Outubro de 2007
Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro
Revisão: Heloisa Wey Neves Lima
Noemí Lucília Soares Ferreira
Capa: Julio Carvalho
Maryangela Alves dos Santos

Ficha Catalográfica Preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

Ribeiro, Bráulia Inês, 1962-

R484c Chamado Radical : não existem níveis seguros de
2007 consumo dessa substância / Bráulia Ribeiro.
– Viçosa, MG: Ultimato, 2007.
176p.

ISBN 978-85-7779-015-9

1. Missão da igreja. 2. Histórias de missionários.
I. Título.

CDD. 22.ed. 266

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO
E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557
www.ultimato.com.br

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	07
<i>Agradecimentos que devem ser lidos</i>	09
1. Sobre a virtude de ser radical	15
2. Sobre as dificuldades de quem quer fazer diferença	19
3. Sobre o ouvido afinado com a música de Deus	29
4. Sobre a coragem	45
5. Sobre o “seguir em frente que atrás vem gente”	75
6. Sobre os erros que sempre cometemos	87
7. Sobre a maravilhosa diversidade dos povos e o caráter de Deus	99
8. Sobre a capacidade sobrenatural para suportar a dor	125
9. Um pouco mais de missiologia	149
10. Sobre o ato de olhar para cima	161
<i>Notas</i>	167



PREFÁCIO

ELA NEM PARECE uma missionária. Às vezes, pode-se ter a impressão de estar diante de uma pessoa contestadora da fé cristã. Dotada de mente arguta e inquiridora, Bráulia Ribeiro é muito mais que uma missionária. Trata-se de uma mulher de tal forma apaixonada por Jesus, que extravasa todos os seus sentimentos, mesmo que isso cause certo desconforto para alguns cristãos mais ortodoxos, muitas vezes mais presos aos próprios conceitos e às suas instituições do que aos ensinamentos do Mestre.

A autora traça todo o perfil do seu livro fundamentando seus argumentos no conceito cristão de liberdade. Liberdade de viver. Liberdade de estar junto dos diferentes. Liberdade de ouvir o canto e os poemas dos artistas que nos rodeiam, sejam eles cristãos ou não. Liberdade de questionar certos procedimentos utilizados na missiologia tupiniquim, que tantas vezes mais se parecem com algo forâneo do que propriamente algo nosso.

Chamado Radical fala da trajetória da missão de origem humilde. Bráulia cresceu convivendo com a pobreza, e um dia foi alcançada pelo amor de Jesus. Apaixonou-se tanto por esse Jesus, que, à semelhança dos discípulos, deixou tudo. Meteu-se no meio da floresta amazônica. Conviveu de perto com nossos irmãos indígenas. Buscou entender o significado real do que é ser missionário.

Uma das definições de missões que mais me causaram impacto foi a apresentada pela autora: “missões é fazer amigos”. Isso poderia parecer um reducionismo, mas, na verdade, trata-se de um conceito totalmente bíblico. Jesus se encarnou para poder nos chamar de “amigos”.

Para a autora, a força da missão está em olhar para este mundo e buscar amigos. Para isso, um evangelho etéreo e superficial não é suficiente. Ele tem de atender integralmente às necessidades do ser humano. Tem de sentir a dor e a injustiça. Tem de ser humano e terreno. Até o dia em que, nas palavras da própria Bráulia, “estaremos dançando com Jesus por toda a eternidade”.

Testemunhas que somos de uma história ainda tão recente de missões em nosso país, este livro se torna obrigatório. Destina-se não somente àqueles que, de alguma forma, estão envolvidos com a missão da Igreja, mas a todos que querem se parecer mais com Jesus.

BOA LEITURA!

Oswaldo Prado

AGRADECIMENTOS [QUE DEVEM SER LIDOS]

QUANDO OLHAVA PARA ele caminhando pelas ruas de Belo Horizonte, tinha a sensação de estar indo atrás de um herói anônimo, de um homem genial que só eu conhecia, mas que um dia o mundo iria descobrir e dizer: “Ah, sim, pode ser que o tenhamos visto, andar encurvado com seu passo magro pelas ruas de nossa cidade. Pode ser que um dia o tenhamos visto tomando cachaça no bar do Zé, na Saudade”.

Ainda me lembro dos ônibus, do povo, do pó preto das ruas, dos burrinhos e dos bodes prontos para o passeio das crianças, do lago do parque municipal, do algodão-doce e dos pastéis de palmito na pastelaria do China. Eu caminhava atrás dele; ele dava passos muito longos pra mim, uma criança. Na hora de atravessar a rua, corria para lhe segurar a mão, porque os carros me davam medo. Depois, soltava as mãos dele e ficava olhando as vitrines e as gentes que passavam, mas

sem perdê-lo de vista. Via-o cruzar as ruas com suas calças largas e seu paletó desajeitado.

Eu sofria quando pensava no dia em que ele não chegaria e teríamos de ir buscá-lo em algum necrotério. Várias vezes fomos recolhê-lo na rua, bêbado, batido por bandidos, tendo escapado de ser morto pelos ônibus que cruzavam o bairro. Mais tarde, quando eu já era adolescente, havia sempre manchas de sangue nas calças do terno branco de que ele gostava, o que me dava vergonha e pena ao mesmo tempo; sangue das feridas que ele tinha — minha mãe dizia — e que certamente lhe causavam muito sofrimento. Mas ele parecia não se importar. Eu via o seu corpo dentro do terno ficando cada vez mais magro, mais encurvado.

Ele tinha respostas longas para qualquer perguntinha de escola. Suas respostas eram profundas e sempre vinham com uma bibliografia que deveria me fazer pesquisar sobre o assunto. Às vezes, eu tinha preguiça e, em vez de perguntar-lhe alguma coisa, só olhava no dicionário. A própria resposta que ele dava já era a pesquisa inteira que a professora mandara fazer. Houve um tempo bom em que, à noite, ele lia para nós histórias da vida dos compositores da MPB — Noel Rosa, Pixinguinha, Lamartine Babo, Chico — e nos explicava suas canções. Outras vezes, ouvíamos música clássica e ele tentava nos fazer ler na música as emoções do compositor.

Houve anos em que o perdemos. Ele sumia em algum lugar da sua cabeça e passava as madrugadas catando lixo no quintal, ou dormia bêbado e acordava bêbado, gritando com todos nós, principalmente com minha mãe. Às vezes, passava meses no hospício, no meio dos loucos, com a cueca em cima da calça. E olhava triste para nós quando íamos visitá-lo. Certa

vez levou-me pra ver o que as freiras chamavam de área de lazer no hospício: um patético pedaço de cimento, grades de ferro e arame farpado.

Ele era escritor, jornalista e socialista radical. Parecia não ter sido feito pra este mundo. Estaria feliz em algum céu utópico planejado por Marx, onde houvesse muitos livros, justiça social, e onde não existisse Deus.

Depois que me tornei cristã, esperei e orei muitos anos por sua conversão. Pensava que Deus lhe restauraria a vontade de viver, tirando-o da rota do suicídio, o conta-gotas que ele trilhava. Pensava que Deus lhe explicaria que, no mundo, mesmo havendo sofrimento há também coisas pelas quais vale a pena viver e lutar. Pensava também, de maneira egoísta, que com Deus ele abdicaria de alguns princípios românticos que cultivava e produziria algo de que o mercado — e não só os intelectuais — gostasse, para que pudéssemos ter dinheiro e viver como as famílias “normais” viviam.

Mas o sonho não veio, e ele e Deus não se entenderam mesmo, até seu leito de morte. Por muitos anos vivi o conflito de ter dentro de mim um sonho bom que nunca se tornou realidade. Afinal, ele era mesmo um gênio daqueles sobre os quais lemos nos livros? Afinal, a obra que ele deixou, na qual trabalhou incansavelmente, um dia vai ser reconhecida? Meu sonho era que ele fosse reconhecido um dia como um grande escritor, como Guimarães Rosa, Ariano Suassuna, Pedro Nava, todos dos quais ele¹ gostava muito. Aí eu iria saber que valeu a pena agüentar a infância que ele nos fez viver. Esse dia não veio até hoje. Pode ser que ele nunca venha a ser lido pelas multidões que prestam vestibular — só pra saber como se escreve, mesmo que eles nunca venham a escrever como ele, nem

entender o que estão lendo. Pode ser que a porção de obras que hoje resumem sua vida nunca saiam de nosso armário mofado e virem páginas impressas. Mas ainda hoje gosto de pensar que isso poderia acontecer.

Só queria lhe dizer, pai, que, mesmo que isso nunca aconteça, valeu a pena. Com certeza, o sofrimento me fez uma pessoa melhor, e ter sido sua filha formou cada parte de mim.

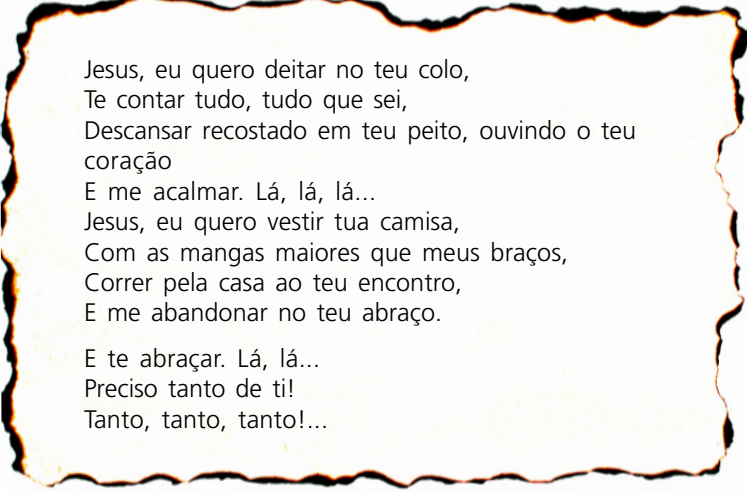
Sabe? O que me faltou com você, hoje posso ter com Jesus. Ele é meu pai também; pai da alma, do espírito, pai que me abraça, mesmo hoje que já sou crescida e tenho meus próprios filhos. Ainda o tenho pra me tratar como uma menina carente e me fazer os cafunés que me faltaram na infância.

Passei quase uma semana inteira chorando, tomando consciência desta paternidade, quando ouvi esta música de Antônio Cirilo. Custou-me perceber que meu coração, com este meu outro pai, Jesus, podia ser assim sem que eu corresse o risco de sofrer.

Intimidade

Jesus, eu quero ficar contigo, eu quero ser teu amigo,
Quero comer no teu prato,
Calçar meus pés nos teus sapatos,
E arrastar. Lá, lá, lá...

Jesus, eu quero muito você,
Pegar tuas sandálias e esconder,
Esconder pra você não sair, pois eu quero estar
perto de ti
E te abraçar, te abraçar. Lá, lá, lá...



Jesus, eu quero deitar no teu colo,
Te contar tudo, tudo que sei,
Descansar recostado em teu peito, ouvindo o teu
coração
E me acalmar. Lá, lá, lá...
Jesus, eu quero vestir tua camisa,
Com as mangas maiores que meus braços,
Correr pela casa ao teu encontro,
E me abandonar no teu abraço.

E te abraçar. Lá, lá...
Preciso tanto de ti!
Tanto, tanto, tanto!...

Amo meus dois pais. Quem sabe um dia vou encontrá-los
juntos dançando no céu, falando sobre política e escrevendo
livros eternos que todos lerão?



1.

SOBRE A VIRTUDE DE SER RADICAL

DIZER QUE É possível ouvir a voz de Deus e obedecer-lhe é tido como algo esquisito, quase banal, hoje em dia. Quase como um guru de auto-ajuda num surto psicótico, ou um papai-noel todo-poderoso, Deus manda líderes evangélicos comprar para si carros BMW e mansões, ajuntar ouro para re-construir um templo de Salomão em terras tupiniquins, pedir grandes somas a seus fiéis, fugir com dinheiro em espécie para paraísos fiscais.

Para os mais sérios, falar com Deus parece presunçoso. Como ele vai se ocupar comigo sendo que tem tanto em que pensar? Como eu, um zé-ninguém, vou “servir” em alguma coisa aos propósitos de Deus? Parece que ele é grande o suficiente pra fazer o que ele tem de fazer sem precisar de mim.

Para acabar com essas dúvidas, basta ler a Bíblia. Houve tantos zés-ninguém que “serviram” a Deus em seu propósito! De fato, Deus só teve de fazer tudo pessoalmente num momento da história e, mesmo assim, teve um ministério curto,

de apenas três anos. Quem completou seu trabalho foram os zés, como eu e você, que acreditaram radicalmente nele.

A palavra radical assusta um pouco as pessoas hoje em dia. Todo mundo quer é ser meio zen. Até no meio cristão consideramos o equilíbrio como uma virtude suprema. Se alguém está se sacrificando muito na obra, dizemos, com voz solene: “Cuidado! Temos de ter equilíbrio”. Jogamos água fria na ousadia e nos sonhos radicais dos jovens, dizendo-lhes que devem se preparar para uma vida equilibrada, e até mesmo que viver em extrema dedicação a Deus lhes trará problemas no futuro.

Curiosamente, o conceito de “equilíbrio” não é um conceito cristão, mas grego. Platão e Aristóteles se referiram ao equilíbrio como o lugar de felicidade e virtude. É difícil relacionar a pessoa de Jesus a essa idéia. Jesus não tinha nada de “equilibrado”. Ele era extremamente radical. Não trilhou o caminho mais fácil. Foi extremo em sua crítica à religião instituída, adotou um estilo de vida “anormal”, radicalizou em sua maneira de amar, não se dobrando aos preconceitos e tabus de sua cultura.

Jesus não tinha como alvo a felicidade ou o bem-estar pessoal. Seu alvo era obedecer a Deus. Aristóteles estabeleceu que a virtude está no meio, e o budismo permeou a cultura pós-moderna com a idéia de que o “caminho do meio” é o melhor caminho. No entanto, a Bíblia afirma que os mornos serão vomitados, e narra histórias de heróis da fé que tiveram uma fé radical, a ponto de terem sido mortos ao fio da espada, torturados, serrados ao meio. A falta de radicalismo hoje nos induz a um cristianismo insípido, acomodado ao formato do mundo.

Para a radicalidade de Jesus não existem padrões de vida preestabelecidos; existe antes a obediência diária à voz do Pai.

Hoje, esta voz pode me dizer para sair de casa, passar vários dias em oração e jejum, renunciar à alimentação, ao conforto dos relacionamentos familiares. Amanhã, ela poderá me dizer: “Volte para os seus, esteja com eles, eu quero você em casa”. Posso tentar equilibrar tudo o que tiver em minhas mãos: ministério, dedicação aos pobres, estudo, oração, conforto e desconforto, tempo de renúncia e tempo de restauração pessoal, e enlouquecer no processo. Como equilibrar o desespero pelas almas com a paz de Cristo? A dor pelos perdidos com o conforto de um coração restaurado?

Só Deus, em sua capacidade de nos guiar nos detalhes de nossa vida, pode nos dar o verdadeiro equilíbrio. Para alcançá-lo, entretanto, temos de estar dispostos à obediência radical. Temos de ir ao extremo de obedecer em tudo, mesmo naquilo que nos pareça absurdo e contrário ao senso comum. Aliás, hoje em dia o senso comum é um grande indutor ao erro.

Seguir a Deus numa aventura missionária para algum lugar perigoso é uma decisão fora do equilíbrio de uma vida convencional. No entanto, se foi ele mesmo quem nos mandou, temos de pesar tudo para saber se ouvimos a ele ou ao nosso entusiasmo por aventuras. Assim, estaremos seguros.

A maioria dos povos não alcançados hoje está em lugares de difícil acesso. Politicamente fechados ou geograficamente isolados, é preciso uma dose dobrada de coragem para se chegar a eles. Para um servo, porém, para um verdadeiro escravo de seu Senhor, não podem existir restrições ou condições impostas à obediência. Obediência é a regra, é a vida. Deus nos convida à obediência radical.

Ser radical para Cristo, no entanto, é diferente de ser fundamentalista. O atentado contra as torres gêmeas colocou

o mundo em oposição à religiosidade radical. Foi o fundamentalismo islâmico que gerou o terrorismo. O fundamentalismo cristão também cometeu atrocidades e provocou guerras. Quando falamos da radicalidade da obediência a Cristo, estamos falando do radicalismo do amor. Amar os povos e a Cristo, que os criou, até o fim. Amar, batendo mosquitos nas pernas até que as picadas se tornem feridas; amar, carregando os filhos nas costas para atravessar uma floresta debaixo de água, para passar apenas algumas semanas com os amigos de outra cultura que estão no caminho de descobrir a Deus. Amar, embrenhando-se num país estranho, sofrendo o frio das montanhas e comendo churrasco de rato assado em meio às cinzas de um vulcão, simplesmente porque algumas pessoas em algumas casas precisam aprender a ler melhor a Bíblia.

A única bomba que esse amor radical carrega é o Espírito Santo. Um dia podemos estar ali, desanimados diante de duas ou três pessoas — as únicas que suportaram ouvir nossa mensagem carregada de sotaque —, e, de repente, a bomba explode e a praça se enche. As mulheres vêm de dentro das suas casas limpando as mãos no avental; os homens chegam do trabalho, olhando curiosos, com o olhar brilhando com a chama do arrependimento.

Mas pode ser também que essa bomba leve anos para explodir. Pode ser que, passados trinta anos, ela ainda se mantenha intacta, e tenhamos de ir embora sem ver o resultado, que só será colhido uma geração mais tarde. Essa vida pode não parecer agradável, mas é. Posso assegurar hoje, depois de ter vivido muitas aventuras com Deus, que não há vida melhor do que esta.